

# GRANTA

---

NÚMERO 5

# Falhar melhor



# GRANTA

REVISTA SEMESTRAL

EDITORA Bárbara Bulhosa  
DIRECTOR Carlos Vaz Marques  
ASSISTENTE EDITORIAL Madalena Alfaia  
REVISÃO E PRODUÇÃO Madalena Alfaia, Inês Hugon e Rita Matos  
GRAFISMO E PAGINAÇÃO Pedro Serpa e Vera Tavares  
COMUNICAÇÃO E PUBLICIDADE Madalena Alfaia  
DPT. COMERCIAL E ASSINATURAS Rute Dias

© Bruno Vieira Amaral, Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot, Rui Ângelo Araújo,  
Joana Bértholo, Cláudia Clemente, Paulo Varela Gomes, Pedro Mexia, Jacinto Lucas Pires  
*How he came to be nowhere* © Jonathan Franzen, 1996  
*The weeping pom* © Howard Jacobson, 2000  
*Immer derselbe Schnee und immer derselbe Onkel* © Herta Müller, 2013  
*The many deaths of General Wolfe* © Simon Schama, 1990  
*Epistle to the new age* © Gore Vidal, 1990

© ilustrações de Catarina Sobral  
© capa de Jorge Colombo

Publicado sob licença de Granta Publications,  
12 Addison Avenue, London W11 4QR  
© 2015, Granta Publications  
© Maio de 2015, Edições Tinta-da-china

ISSN 2182-9136  
ISBN 978-989-671-260-0  
Depósito legal: 374466/14

1.ª edição: Maio de 2015  
2.ª edição: Outubro de 2015

R. Francisco Ferrer, 6A | 1500-461 Lisboa | Portugal  
Tels. (00351) 21 726 90 28/9 | email: [granta@tintadachina.pt](mailto:granta@tintadachina.pt)

CAFÉ BUENOS AIRES

CALÇADA DO DUQUE, 31-B  
RUA DO DUQUE, 22  
TEL: 21 342 0739



**Coleção TNSJ/Húmus**



Resultado de uma parceria com a editora Húmus, a Coleção Teatro Nacional São João tem privilegiado a edição de novas traduções, encomendadas para a encenação de espetáculos produzidos pelo TNSJ ou integrados na sua programação.



- O Cerejal, de Anton Tchêkhov, trad. António Pescada
- O Café, de Carlo Goldoni, trad. Isabel Lopes/Fernando Mora Ramos
- Platónov, de Anton Tchêkhov, trad. António Pescada
- O Concerto de Gigli, de Tom Murphy, trad. Paulo Eduardo Carvalho
- Os Europeus, de Howard Barker, trad. Francisco Frazão
- Woyzeck, de Georg Büchner, trad. João Barrento
- Antígona, de Sófocles, trad. Marta Várzas
- O Aparento, de Molière, trad. Alexandra Moreira da Silva
- Emília Galotti, de Gotthold Ephraim Lessing, trad. João Barrento
- O Despertar da Primavera, de Frank Wedekind, trad. João Barrento
- Ah, os dias felizes/Não Eu, de Samuel Beckett, trad. Alexandra Moreira da Silva/Paulo Eduardo Carvalho
- Como Queiram, de William Shakespeare, trad. Daniel Jonas
- O Doente Imaginário, de Molière, trad. Alexandra Moreira da Silva
- O Fim das Possibilidades, de Jean-Pierre Sarrazac, trad. Isabel Lopes

**ÍNDICE**

<p>9 Editorial <i>Carlos Vaz Marques</i></p> <p>13 Morrer é mais difícil do que parece <i>Paulo Varela Gomes</i></p> <p>25 Tudo aquilo tudo <i>Pedro Mexia</i></p> <p>35 Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio <i>Herta Müller</i></p> <p>49 Como chegou ele a parte nenhuma <i>Jonathan Franzen</i></p> <p>67 Para mal dos meus pecados <i>Bruno Vieira Amaral</i></p> <p>87 A minha vida vai mudar <i>Patricia Almeida / David-Alexandre Guéniot</i></p>	<p>105 Sue and me and mr. B <i>Cláudia Clemente</i></p> <p>115 Epístola à nova era <i>Gore Vidal</i></p> <p>135 O bife choramingas <i>Howard Jacobson</i></p> <p>155 Carta para navegação de vazios <i>Joana Bértholo</i></p> <p>167 As muitas mortes do general Wolfe <i>Simon Schama</i></p> <p>215 O viaduto <i>Rui Ângelo Araújo</i></p> <p>237 O nome das árvores <i>Jacinto Lucas Pires</i></p> <p>238 Autores</p>
---	--

# How's your English?

The original *Granta* has been publishing the best new writing in the English language since 1979. Subscribe for just £42 to receive four issues over the next year.



Visit [granta.com/subscriptions](http://granta.com/subscriptions) for more details.



Beckett também mora aqui

## Sala de Leitura do Centro Cultural de Belém

SEGUNDA A SEXTA 10H > 19H  
SÁBADO 10H 17H30  
ENCERRA DOMINGOS E FERIADOS

[WWW.CCB.PT](http://WWW.CCB.PT)

**CCB**

APOIO INSTITUCIONAL

GOVERNO DE PORTUGAL

MUNICÍPIO DE BELÉM



# FOLHAR OUTRA VEZ. FOLHAR MELHOR.



## EDITORIAL

Já morri duas vezes. Ou talvez mais. Sei umas quantas coisas sobre o assunto. Contudo, embotado, afásico, não sei como dizê-las. Também não é preciso. Já houve quem as dissesse por mim. Foram ditas mil vezes. Mil vezes mil. Inútil dizê-lo pior do que já outros antes. O mundo está cheio de redundância. Não há mal nenhum nisso, só cansaço. É tão banal morrer assim, em clave figurada.

É banal morrer, aliás. Mais banal do que estar vivo. São mais os mortos do que os vivos. Já faremos as contas, adiante. Somos, os vivos, mais de sete mil milhões. Ainda assim, poucos.

Diógenes, o cínico, discípulo de um discípulo de Sócrates, o grego, andava pelas ruas de Atenas de lamparina em punho, à procura. Buscava um homem honesto. Como há quem busque a inexistente alma gémea, ideia platónica, invenção de outro discípulo de Sócrates. Do discípulo de Sócrates que inventou Sócrates, dando-lhe um corpo escrito.

Somos poucos, portanto. Rodeados por tantos. Poucos, e não só por razões subjectivas. Por circunstâncias concretas, também. Somos uma ínfima parte dos seres vivos. Desconheço cálculos sobre o número de formigas, mas, a julgar pelo modo como surgem em fila indiana sempre que deixo uma migalha sobre a banca da cozinha, haverá exércitos delas em permanente estado de prontidão.

Fiquemo-nos pelas formigas, para não complicar. Poderíamos falar de micróbios. Poderíamos falar de pássaros. Diríamos, em vez de pássaros, aves, imitando a contenção dos poetas.

Também podemos — fiéis ao nosso ancestral antropocentrismo, ideia religiosa de quem se consente criado à imagem e semelhança daquele cujo nome não deve ser pronunciado — cingir-nos ao que

é humano. Mesmo em termos humanos, somos poucos. Nunca fomos tantos, e ainda assim poucos.

Habitamos uma terra de mortos, mais deles do que nossa. Eles são mais, muitos mais. Demógrafos e matemáticos coincidem nos cálculos. É apenas uma estimativa, é certo. A mais recente, com dados de 2011. Ao todo, terão passado pela face deste planeta cento e oito mil milhões de almas. Somos, hoje, ainda, menos de sete por cento das pessoas nascidas desde o princípio dos tempos.

A proporção, reconheça-se, tem vindo a alterar-se velozmente a favor dos contemporâneos. Em 1950, estavam vivos dois mil e quinhentos milhões de seres humanos. Em 1995, éramos cinco mil e setecentos milhões. Agora, no momento em que escrevo, ultrapassámos já os sete mil e trezentos milhões. Os mortos continuam no entanto a manter uma vantagem considerável.

Se acrescentarmos aos mortos-mortos o número de vivos-mortos, concluiremos, melancolicamente, como é rara a vida. Cada um sabe de si e sabemos todos o lugar central ocupado pela ideia de ressuscitar ao terceiro dia. Ou ao terceiro mês. Ou ao terceiro ano.

Morte e ressurreição. Falhar melhor.

O temperamento de cada um ditará se há na expressão de Beckett pessimismo, optimismo ou resignação. Vivemos numa floresta de palavras e carregamos uma frase de que nos apropriámos como o lenhador carrega o seu machado: tanto pode ser arma como utensílio. «Terei toda a aparência de quem falhou,» — escreveu Clarice Lispector em *A Paixão Segundo G.H.* — «e só eu saberei se foi a falha necessária.»

A expressão de Samuel Beckett é de tal modo poderosa, que corre o risco de vir a banalizar-se. Talvez já esteja à beira do lugar-comum. Dá bons títulos. É preciso voltar a lê-la no contexto em que nos foi oferecida pelo escritor irlandês em *Worstward Ho*, um dos seus últimos trabalhos, aqui na tradução de Miguel Esteves Cardoso. «Tudo desde sempre. Nunca outra coisa. Nunca ter tentado. Nunca ter falhado. Não importa. Tentar outra vez. Falhar outra vez. Falhar melhor.»

Lida assim, desprende-se da frase de Beckett um evidente cansaço: «Tudo desde sempre.» São palavras para pessimistas, de que os optimistas legitimamente se apropriam: «outra vez», «melhor». Ressurreição.

O desafio lançado aos autores que fazem este número da *Granta* está contido na brecha aberta entre o optimismo e o pessimismo, entre a ideia de falhar e a perspectiva de aperfeiçoamento. Um salto sem rede. Foi-lhes pedido o inevitável exercício de tentativa e erro a que chamamos arte. Arte literária, nos textos escritos, mas também arte visual: no surpreendente ensaio fotográfico de Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot, no diálogo de espanto e reconhecimento estabelecido pelas ilustrações de Catarina Sobral com cada um dos textos, no pulo prodigioso da capa desenhada por Jorge Colombo.

Vogamos entre a memória e a imaginação. Tenta-se falhar melhor, também retrospectivamente. Nunca nada acaba inteiramente resolvido: no lugar da ferida há-de ficar para sempre, mesmo que indelével, a cicatriz. Guarda-se nela «tudo aquilo tudo» de que fala o texto de Pedro Mexia. E, em certo sentido, também o episódio narrado por Bruno Vieira Amaral. Neste caso, ficção, no anterior, memória. Em ambos, talvez memória e imaginação, como irmãs siamesas.

À medida que vamos sendo mais, falhamos cada vez mais sozinho, paradoxalmente, na sociedade dos ecrãs: é essa a amarga ironia do conto de Cláudia Clemente. No centro da narrativa de Joana Bértholo há também um vazio e a pergunta inevitável: seríamos quem somos sem o tanto que falhámos?

Será a narradora do conto de Rui Ângelo Araújo uma mulher falhada ou uma mulher ajustada ao seu mundo? Na questão colocada em «O viaduto», percebe-se quão decisivo é entender que o modo como se conta a própria história pessoal é por si só uma forma de moldar os termos da equação para o cálculo de sucessos e falhanços. Somos feitos de linguagem, como já muito boa gente explicou. Daí o valor das palavras, a importância de saber colocar

um ramo de frésias num poema, mesmo não sabendo reconhecê-lo numa jarra. É sobre isso que discorre Jacinto Lucas Pires, o escritor encantado com o espanto de, de longe em longe, o nome e a coisa coincidirem, momento raro.

É também ele, a fechar este número da *Granta*, quem chega à pergunta mais crua e mais cruel desta edição, a pergunta que sintetiza um outro espanto. O sobressalto doloroso, pungente, do texto de abertura. Paulo Varela Gomes está a morrer e reflecte sobre esse percurso como um cartógrafo a desenhar o mapa que todos, de uma forma ou de outra, percorreremos. Não se sai incólume de um texto assim. Daí a intensidade do espanto de Jacinto Lucas Pires, que é inevitavelmente o nosso desde as primeiras páginas deste volume: «Como é que, um dia, uma pessoa pode acabar? Como é que, um dia, nós podemos acabar? Tu? Eu?»

*Carlos Vaz Marques*

# MORRER É MAIS DIFÍCIL DO QUE PARECE

*Paulo Varela Gomes*

---



Tenho um cancro de grau IV. De cada vez que abro o teclado do computador na intenção de escrever, ocorre-me a frase, já mil vezes repetida, «Quando estiverem a ler estas linhas, é provável que o autor já não esteja vivo».

São incontáveis os artigos, livros, documentários e filmes sobre pessoas que morrem de cancro. Nunca vi nenhum porque não aguento o stress, mas ouvi dizer que alguns são eficientes e fazem os espectadores chorar muito. Não vou escrever aqui um artigo desse género, primeiro, porque não sou capaz, e em segundo lugar porque a história da minha doença e daquilo que tenho feito para lidar com ela tem algumas características muito peculiares que podem interessar a todo o género de pessoas que se preocupam com a vida e a morte e que pensaram com seriedade no tema deste número da *Granta*: Falhar melhor.

Tudo começou quando acordei uma manhã com um inchaço do tamanho de uma amêndoa no lado esquerdo do pescoço. Iludido por uma espécie de incredulidade optimista, pensei que se tratava do resultado de uma infecção nos dentes ou na garganta. Desenganou-me um médico especialista dessas áreas com quem fui falar alguns dias depois: «O senhor tem uma massa na garganta. É melhor ir ver isso rapidamente.» Estava muito grave e sossegado, ele. Percebi depois que nunca lhe tinha passado pela cabeça que alguém não soubesse o que quer dizer «massa» em termos orgânicos. Esta foi a única consulta médica a que a Patrícia, minha mulher e minha «curadora», não me acompanhou. Estava a ajudar a Rita a

GRANTA

---

TUDO AQUILO  
TUDO

*Pedro Mexia*

---



*Will you never have done? [Pause.] Will you never  
have done... revolving it all? [Pause.] It? [Pause.]  
It all. [Pause.] In your poor mind. [Pause.] It all.*

BECKETT

És repugnante, disse ela. Guardei tudo aquilo assim anos e anos, «és repugnante». E acontece nos momentos desesperados, nunca nos tranquilos, aparecem umas interrogações pequenas, atenuantes, ou então mais inaceitáveis ainda, porque dependem de uma frieza inventada, um recurso bizarro, como contar matrículas de automóvel a meio de uma decisão horrível. Pensas: «és repugnante» não se usa na idade que ela tinha então, como é que uma palavra tão decisiva pode ser tão mal citada, parece uma frase de moribundo, de antologia, aforística e acabada, quando o quase-morto pediu outra coisa bem menos memorável. «Metes-me nojo», pode ela ter dito, e não consegues imaginar isso, toda a tua memória depende de uma certa fórmula, de uma certa atitude, e o «nojo» estraga a história, quando «repugnante» não estragava. Mas porque não? Em noites más tornas-te um gramático: o que é pior, a repugnância ou o nojo, que os dicionários declaram sinónimos? E há outros equivalentes. Que tal «asco»? Ninguém diz «asco», é impossível, discutes contigo como se traduzisses um diálogo de um romance, preocupado com uma «verosimilhança» que está tão longe dos teus cuidados quando apresentas a situação como um exemplo ao mundo, golpes falsos, talvez, golpes deslocados, como a discussão bizantina sobre os pregos, estavam na palma da mão ou no pulso, conseguiria um corpo suster-se preso pelas mãos, ou o pulso suporta melhor o peso de um

TINTA  
DA  
CHINA  
| edições |

tintadachina.pt

+ DE 300 TÍTULOS  
COM DESCONTOS  
ENTRE 10% E 40%



ENVIO RÁPIDO COM PORTES  
GRATUITOS PARA PORTUGAL

A PARTIR DA PRIMEIRA COMPRA, O CLIENTE  
FICA REGISTRADO, PASSANDO A TER ACESSO  
A CAMPANHAS EXCLUSIVAS.

VÁRIAS FORMAS DE PAGAMENTO:  
MB, PAYPAL, OU À COBRANÇA.



GRANTA

SEMPRE  
A MESMA NEVE  
E SEMPRE  
O MESMO TIO

*Herta Müller*

TRADUZIDO DO ALEMÃO POR ISABEL CASTRO SILVA

em cima de uma cómoda de contraplacado. Então, esta imagem de um objecto persistente a amadurecer no interior de um espaço onde cresci e sonhei tanto e morri algumas vezes surge-me como a única obra de arte que realizei. A beleza mecânica e as paredes simples, pintadas de branco e carregadas de memórias, unem-se numa perfeição fortuita e assombrosa.

Nunca encontrara um significado para aquela aparição. De súbito, fui assaltado por uma dessas certezas relampejantes, triunfais: a grávida era o meu Monte Sainte-Victoire, o meu *beau motif*, obsessivo e autónomo, que a cada dia se transformava noutra coisa, ora de vestidinho florido, ora com calças de ganga largueiro-nas, ora flor, ora incêndio. E, tanto tempo depois, senti-me em paz com o tempo, hoje distante, em que, não me esqueço, fui o infeliz proprietário de um bar numa pequena vila da margem sul. ■

## A MINHA VIDA VAI MUDAR

*Patrícia Almeida*

*David-Alexandre Guéniot*

---

Agradecemos à Galeria Arte Ambulante (Daniel Melim e Tiago Gandra)  
pelo empréstimo das pedras da calçada, obra deles.

'TROIKA'  
comes to town

A woman takes pictures  
during a demonstration in Madrid,  
on Wednesday May 18, 2011.

ENTRE LES GOUTE

S THE SUN GOES DOWN

luxury suites at the Sofitel New York

ASSE MÉDIA  
M RISCO DE  
EXPLOSAO

EXPLODING STARS IN DEEP SPACE  
ARE MOVING AWAY FAR FASTER  
THAN ANYONE SUSPECTED

Music can chemically  
change people



SUE AND ME  
AND MR. B

*Cláudia Clemente*





Olhou para a balança com desconsolo: tinha engordado mais dois quilos. Tentou sorrir, não era grave, Sue continuava igual, magra como sempre. Escolhera para ela uma roupa em tons de vermelho, que ficava bem com a sua pele. Os sapatos que lhe calçara eram de salto alto, e desta vez deixara-lhe o cabelo solto, o que lhe dava um ar ainda mais selvagem do que o habitual. A ruiva e sedutora Sue saía de casa deslumbrante para mais um dia da sua vida despreocupada, preenchida e sem contrariedades.

Sentas-te. Apenas um clique para entrares num universo paralelo. Já está. Mensagens diversas, nenhuma interessante. Alguns comentários aos teus *posts*, nenhum deles te merece resposta. Nada dele. Percorres o YouTube em busca de algo que te estimule, que reflecta o teu estado de espírito. Em vão. Estás só numa fase má, repetes para contigo, amanhã será diferente. Talvez.

Por alguma coisa chamavam àquilo *Second Life*. Sue era tudo o que ela sempre desejara ser. Alta, magra, sofisticada, uma empresária de sucesso e não uma pobre gorda frustrada, viciada em chocolates e pastilha elástica, a desperdiçar a vida dia após dia atrás de um biombo cinzento numa empresa de telemarketing.

Não saberias ao certo dizer quando começaste a reparar nele. Era apenas mais uma das almas penadas que, tal como tu, passava as suas horas em frente a um computador. Também ele desistira do mundo real para passar a noite noutra muito

---

## AUTORES

**Bruno Vieira Amaral** nasceu em 1978. Em 2002, foi selecionado para a Mostra Nacional de Jovens Criadores, na área de poesia. Colaborou no *DN Jovem*, na revista *Atlântico*, no jornal *i* e na revista *LER*. É autor do *Guia para 50 Personagens da Ficção Portuguesa* (Guerra & Paz, 2013) e do blogue *Circo da Lama*. Com *As Primeiras Coisas* (Quetzal, 2013), o seu romance de estreia, venceu os prémios PEN Narrativa 2013 e Fernando Namora 2013, além do prémio de Livro do Ano da *Time Out*. Em 2015, publicou *Aleluia!* (FFMS).

**Patrícia Almeida** (fotógrafa e editora) e **David-Alexandre Guéniot** (programador e editor) são fundadores da GHOST Edições, que surgiu em 2011 para produzir projectos editoriais e eventos programáticos, conjugando os interesses e as práticas pessoais de ambos: as artes visuais e a performance. Produzem publicações, exposições e encontros em torno dos livros de artista, privilegiando uma abordagem experimental na criação de narrativas visuais. Têm participado em inúmeras feiras internacionais, como a OffPrint (Paris, Londres) ou a Pa/per View (Bruxelas).

**Rui Ângelo Araújo** nasceu em 1968. Fundou e dirigiu a revista *Periférica* (2002-2006). Publicou *Os Idiotas* (O Lado Esquerdo Editora, 2013), novela picaresca ou algo assim. Mantém o blogue *Os Canhões de Navarone*, onde se senta a observar a vida selvagem.

**Joana Bértholo** nasceu em Lisboa, no solstício do Verão de 1982. É licenciada em Design pela Faculdade de Belas-Artes, e doutorou-se em Estudos Culturais na Alemanha. Publicou os romances *O Lago Aveso* (2013) e *Diálogos para o Fim do Mundo* (2010), bem como a colectânea de contos *Havia* (2012), todos na Caminho. Escreve também para teatro e dança. Chama às aulas que dá na Universidade Lusófona *Teoria Geral da Ficção*.

**Cláudia Clemente** nasceu no Porto, em 1970. Vive e trabalha em Lisboa. Estudou Cinema e Arquitectura. É autora de seis filmes de ficção e de três documentários. Publicou dois volumes de contos — *O Caderno Negro* (Tinta Permanente, 2003) e *A Fábrica da Noite* (Ulisseia, 2010) —, a peça de teatro *Londres* (Grande Prémio de Teatro SPA/Teatro Aberto; SPA/INCM, 2012) e o romance *A Casa Azul* (Planeta, 2014).

**Jorge Colombo** nasceu em Lisboa, em 1963, e vive nos EUA desde 1989. Tem trabalhado como ilustrador, fotógrafo e designer gráfico. Em 2009, começou a pintar paisagens com o dedo num ecrã de iPhone, e hoje em dia é tudo o que usa para desenho ou para pintura (ou um iPad, em metade dos casos). Tem trabalhado para publicações como *The New York Times*, *Vanity Fair*, *Village Voice*, *Fast Company* ou *The New Yorker*.

**Jonathan Franzen** nasceu no Illinois, EUA, em 1959. Em 1996, foi considerado pela *Grantia* um dos melhores novos escritores americanos. É autor de cinco romances, dois volumes de ensaios e um de memórias. Em Portugal, estão disponíveis *Correcções* — vencedor do National Book Award, do Salon Book Award, do James Tait Black Memorial Prize, e finalista do Pulitzer, do PEN/Faulkner Award e do National Book Critics Circle Award for Fiction —, *Liberdade e A Zona de Desconforto*. O novo romance, *Purity*, será publicado ainda em 2015.

**Paulo Varela Gomes** nasceu em 1952. Foi professor dos ensinos secundário e superior até se reformar em 2012, autor de artigos e livros da sua área de especialidade (História da Arquitectura e da Arte), colaborador e cronista permanente de vários jornais e revistas, designadamente do *Público*, autor e apresentador de documentários de televisão. É casado, pai de dois filhos e avô de uma neta e de um neto. Publicou três romances — *OVérão de 2012* (2013), *Hotel* (2014) e *Era Uma vez em Goa* (2015) — e um volume de crónicas — *Ouro e Cinza* (2014) —, todos na Tinta-da-china.

**Howard Jacobson** nasceu em Manchester, no Reino Unido, em 1942. É jornalista e escritor, tendo-se notabilizado pela sua veia humorística. Publicou treze romances e cinco livros de não-ficção. O único romance disponível em português é *A Questão Finkler*, que venceu o Man Booker Prize em 2010.

**Pedro Mexia** nasceu em Lisboa, em 1972. É cronista e crítico literário do semanário *Expresso*. Publicou seis livros de poesia, antologiadados em *Menos por Menos*. Também editou quatro volumes de diários — *Fora do Mundo*, *Prova de Vida*, *Estado Civil e Lei Seca* — e cinco colectâneas de crónicas — *Primeira Pessoa*, *Nada de Melancolia*, *As Vidas dos Outros*, *O Mundo dos Vivos* e *Cinemateca*. Traduziu Robert Bresson, Tom Stoppard, Hugo Williams e Martin Crimp. Escreveu para teatro e encenou duas peças. Dirige a colecção de poesia da Tinta-da-china.

**Hertha Müller** nasceu na Roménia, em 1953. Romancista, poeta e ensaísta em língua alemã, recebeu em 2009 o Prémio Nobel da Literatura. Publicou mais de vinte livros. Na década de 1980, foi proibida de editar no seu próprio país, depois de ter criticado publicamente a ditadura romena. Acabaria por abandonar o país, e vive actualmente em Berlim. Em Portugal, estão disponíveis *O Homem É Um Grande Faisão sobre a Terra*, *A Terra das Ameixas Verdes*, *Tudo o Que Eu Tenho Trago Comigo*, *Hoje Preferia Não Me Ter Encontrado e Já então a Raposa Era o Caçador*.

**Jacinto Lucas Pires** nasceu em 1974. Escreve romances, contos, peças de teatro, filmes, música. O seu mais recente romance, *O verdadeiro ator*, venceu o Grande Prémio de Literatura DST 2013 e foi publicado nos EUA pela Dzanc (*The True Actor*, tradução de Jaime Braz e Dean Thomas Ellis). No teatro, trabalha com diferentes grupos e encenadores. Faz parte da companhia Ninguém e da banda Os Quais. Canta ideias na TSE, em *Canções crónicas*. Mantém o blogue *O que eu gosto de bombas de gasolina*.

**Simon Schama** nasceu em Londres, em 1945. Especialista em História de Arte, foi professor em Cambridge, Oxford e Harvard, e actualmente dá aulas na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Os seus livros foram distinguidos com vários prémios, entre os quais o National Book Critics Circle Award de não-ficção, para *Rough Crossings* (2006). Em Portugal, estão publicados *O Futuro da América: a história dos EUA, dos fundadores até Barack Obama*, *Cidadãos; uma crónica da Revolução Francesa* e *A História dos Judeus*.

**Catarina Sobral** nasceu em Coimbra, em 1985. É ilustradora e autora de seis livros para crianças, já publicados noutros países, além de Portugal: Brasil, Espanha, França, Itália e Suécia. Tem também trabalhado em ilustração para a imprensa, capas de discos, animação, cartazes. Foi premiada pela Feira do Livro Infantil de Bolonha, pelo Prémio Nacional de Ilustração e pela Sociedade Portuguesa de Autores, e distinguida por publicações como o catálogo *White Ravens* e a revista *3x3*.

**Gore Vidal** nasceu na academia militar de West Point, nos EUA, em 1925. Prolífero romancista, ensaísta e dramaturgo, publicou mais de trinta livros de ficção, e outros tantos de não-ficção. Escreveu para a *New York Review of Books* e para a *Esquire*, entre outras publicações, tornando-se uma destacada figura da intelectualidade norte-americana. Em Portugal, estão publicados, entre outros, *Criação*, *Duluth*, *Império*, *Juliano*, *Myron* e *Washington, D.C.* Morreu na Califórnia, em 2012.

A Granta foi  
composta em caracteres  
Plantin e impressa na Guide, Artes  
Gráficas, em Arcoprint Milk de 85 g e  
X-Per Premium White de 120 g, em Outubro de 2015.